



INSTITUTO PORTUGUÊS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

OCCASIONAL PAPER N.º 30

Referendo na Venezuela:

Democracia participativa ou democracia representativa?

Carmen Fonseca, IPRI-UNL

A Venezuela foi palco, no Domingo, de um referendo para os eleitores decidirem sobre um conjunto de reformas constitucionais propostas pelo Presidente Hugo Chávez. Ao contrário do que se anunciava, especialmente do que o Presidente Chávez esperava, mesmo com as persistentes manifestações dos partidos e grupos da oposição, foi o *Não* que saiu vitorioso. Os resultados oficiais revelaram uma pequena margem de diferença, mas foi a suficiente para rejeitar as 69 reformas propostas pelo Presidente venezuelano e que visavam a reforma da Constituição redigida por ele próprio, em 1999, quando foi eleito Presidente depois de ter falhado dois golpes de Estado em 1992.

As reformas sugeridas por Hugo Chávez pretendiam reforçar ainda mais os poderes do Presidente através do controlo absoluto das reservas do Banco Central, da alteração dos direitos de propriedade privada, passando o Governo a ter o direito de ocupar qualquer propriedade privada, ao mesmo tempo que deviam permitir a Hugo Chávez a sua permanente re-eleição. As alterações constitucionais também contemplavam um conjunto de medidas sociais, entre elas a redução do horário de trabalho de 44 para 36 horas semanais, benefícios na segurança social e a redução da idade de voto para os 16 anos. Com isto, a Venezuela contribuiria para a revolução socialista que é, dizia Chávez, compatível com a democracia. Por sua vez, os críticos de Chávez denunciavam as reformas como autoritárias.

O discurso que Chávez pronunciou ao assumir a derrota foi utilizado, acima de tudo, para demonstrar que a Venezuela é uma democracia, e que não existe qualquer tipo de manipulação na contagem dos votos. A derrota no referendo de Domingo foi a primeira derrota eleitoral de Chávez, desde que assumiu o poder em 1998 e foi reeleito em 2006. Mas a tendência aponta para um aumento do descontentamento da população face às políticas do actual governo.

A ambição de Hugo Chávez para alcançar mais poder é cada vez maior, mas parece estar a perder terreno. Talvez os venezuelanos estejam conscientes de que a consolidação da democracia representativa é mais importante do que a democracia participativa, e que o poder não pode ser exclusivo de uma única instituição – o presidente.

Depois de ter sido mandado calar pelo Rei de Espanha, e porque em democracia «é o povo quem mais ordena», foi a vez de os venezuelanos ordenarem a Hugo Chávez para abrandar a sua euforia «autoritária».

4/Dezembro/2007